

NÃO SOU O ÚNICO

Zuenir Ventura

Sempre acreditei que era o único a carregar esse meu improvável nome, o que aliás nunca foi motivo de orgulho. Muito ao contrário. Ele só me tem dado trabalho, e causado confusão nos outros. Não me lembro de alguém que o tivesse pronunciado certo pela primeira vez. Acho que já fui chamado por quase todas as combinações que essas seis letras permitem — Zeunir, Zuneir, Zenir, Zineuir — e outras tantas: Zoenir, Suenir, Suelir, Seunuir. Isso sem falar na troca de gênero. Já tenho até resposta pronta para o que acontece frequentemente quando toca o telefone na minha casa:

— Eu queria falar com dona Zuenir.

— É ela mesma que está falando — respondo, emudecendo o outro lado.

Vocês podem imaginar minha surpresa com o que acaba de me suceder. Tudo começou quando recebi uma mensagem da leitora Kátia Krause cujo assunto era "invasão de privacidade". Ela dizia: "Você não me conhece, a não ser por *e-mail*, mas olha só o que qualquer um pode achar sobre você acessando o *site* www.helplistas.com.br". Em seguida, meu nome completo, rua, bairro, telefone e até um mapa para se chegar ao meu destino. Indignada, Kátia completava: "Ou seja, nossa queridíssima Telemar divulga todos os nossos dados pessoais pra serem expostos na internet, nessa 'Suíça' onde moramos".

Entrei então no tal *site* e constatei que de fato qualquer um poderia chegar à minha casa sem perguntar a ninguém. Mas isso não foi nada. O espanto veio quando descobri que havia ali um outro Zuenir. Não era possível! Ia ter que desmentir todas as entrevistas e palestras em que sempre respondi: "não, sou o único". Nas duas vezes em que se tentou criar um homônimo, consegui evitar. Eram pessoas que, por gostarem de mim, queriam me homenagear. Propus então que chamassem o filho de Carlos, que é meu segundo nome e decente.

Levei uns dois dias para discar o número que eu tinha copiado da tal telelista. Eu hesitava entre uma irresistível curiosidade e um inexplicável temor. Liguei um dia

e ninguém atendeu, nem secretária eletrônica. Deixei passar mais um dia e finalmente telefonei. Atendeu uma senhora. Perguntei:

— É da casa de Zuenir da Silva Amaral?

— É, sim, senhor. Quem deseja falar?

— Zuenir Ventura.

Depois de um silêncio, um muxoxo: "é trote!".

— Não é trote não, por favor, não desligue. Sou... — ia completar "uma pessoa séria, faço isso e aquilo", mas ela me interrompeu:

— Conheço Zuenir Ventura da televisão. Quero saber como é que o senhor conseguiu esse telefone?

Contei a história do *site*, li um trecho do *e-mail* da Kátia, não sabia mais o que dizer (depois, ela me pediu mil desculpas pela "grosseria", explicando que pensou que fosse um desses golpes por telefone muito comuns no Rio). Aos poucos ela foi se descontraindo, ganhando confiança, mas acho que ainda duvidando um pouco da coincidência. E nada de ir chamar o meu xará.

— Agora que a senhora sabe que sou um homem de bem, poderia chamar o sr. Zuenir?

Foi quando ela disse:

— Zuenir sou eu.

Uma sensação tão estranha. O que senti foi uma mistura de incredulidade, decepção, algo parecido com o que deve sentir alguém que descobrisse ter um irmão desconhecido e que, ainda por cima, esse irmão não era irmão, era irmã. Já então à vontade, dona Zuenir contou que tinha 65 anos, nascera em Campos e que o nome fora uma invenção do pai. "Ele sempre me disse que surgiu de repente, da cabeça dele". Quer dizer: nem o consolo de uma homenagem.

Zuenir Ventura é um jornalista e escritor. Colunista do jornal O Globo. Ganhou o Prêmio Jabuti em 1995, na categoria reportagem, pelo livro Cidade Partida. Autor de, entre outros, 1968: o Ano que Não Terminou e Minha História dos Outros.